

# O CATOLICISMO ULTRAMONTANO EM TERRAS QUE SÓ DEUS CONHECIA

## *The ultramontane Catholicism in the lands that just God knew*

André Dionei Fonseca\*

MARIN, Jérri Roberto. *A Igreja Católica em terras que só Deus conhecia: o acontecer e “desacontecer” da romanização na fronteira do Paraguai e Bolívia*. 1. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2009. 514 p.

A publicação do livro de Jérri Roberto Marin pela Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul coloca ao alcance do público uma obra essencial para o rico debate sobre o chamado “Catolicismo Ultramontano”, um plano político da Igreja Católica, também conhecido como romanização que, entre 1800 e 1960, iniciou um sistemático ataque aos elementos do mundo moderno que retiravam da Igreja, de uma maneira ou de outra, o lugar central por ela ocupado na Idade Média. Portanto, eram alvos do ultramontanismo a ciência, a filosofia, a arte, o capitalismo, a ordem burguesa, os princípios liberais e democráticos, o racionalismo, as vertentes esquerdistas, como o socialismo e o comunismo, além do galicanismo, jansenismo, regalismo, protestantismo e da maçonaria.

Essa política reformadora, que tinha como objetivo reforçar a identidade da Igreja Católica por meio da centralização política e doutrinária na Cúria Romana, teve reflexo direto nas ações da Igreja no mundo todo, inclusive no Brasil. A provar o impacto do ultramontanismo na Igreja brasileira tem-se uma numerosa produção de trabalhos acadêmicos que analisaram os

\* Professor do Curso de História e Geografia do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). *E-mails*: andredionei@usp.br; andredionei@yahoo.com.br

desdobramentos da política ultramontana em diversas regiões do país, sob os mais diversos enfoques e abordagens. Entre esses pesquisadores que se propuseram a estudar a chamada política de “romanização” não apenas em seu aspecto institucional, mas também a partir das especificidades regionais e das características próprias de cada liderança local, está o trabalho de Jérry Roberto Marin, apresentado originalmente como tese de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Assis-SP.

O objetivo central do estudo é compreender como ocorreu o processo de romanização na diocese de Santa Cruz de Corumbá, no sul do antigo Estado de Mato Grosso, no arco temporal que vai de 1910 a 1957. O livro tem início com um interessantíssimo capítulo no qual o autor apresenta os principais elementos da formação histórica do sul de Mato Grosso à luz de uma vasta bibliografia. É importante ressaltar que a contextualização realizada nesse primeiro capítulo não está deslocada da discussão sobre a romanização que compõe os demais capítulos, uma vez que os elementos históricos traçados pelo autor estão diretamente ligados à maneira como o catolicismo ultramontano foi recepcionado nos domínios da diocese de Santa Cruz de Corumbá.

Entre as características da região sul do antigo Mato Grosso, Jérry Marin destaca a existência da fronteira com a Bolívia e o com Paraguai e também a presença de povos indígenas, o que resultava, invariavelmente, em um cenário religioso híbrido, plural, caracterizado pelas multinacionalidades, multiethnicidades e pelo multilinguismo. Conforme evidenciou o autor, a formação histórica dessa enorme porção territorial originou uma sociedade militarizada, latifundiária, pastoril e extrativista em consequência das lutas históricas pela demarcação das fronteiras e pelos combates internos pela posse de terras.

O que se projetava no primeiro capítulo ganha ampla dimensão nos cinco capítulos seguintes nos quais Jérry Roberto Marin demonstra, com fino olhar investigativo, as dificuldades que o projeto de romanização encontrou no sul de Mato Grosso. Ao tentar aplicar os rígidos ditames ultramontanos, a Igreja confrontava-se com uma população avessa às disciplinas, especialmente aquelas que vinham ao encontro dos costumes e práticas populares. Para demonstrar o “desacontecer” da romanização nesse espaço cultural tão singular, o autor foi em busca do cotidiano das pessoas comuns e dos

clérigos que palmilhavam os sertões do sul de Mato Grosso e, na busca por esse cotidiano, realizou uma minuciosa e exemplar investigação histórica captando, nos desvãos e pontos obscuros de um vasto número de fontes, as formas de resistência cultural de homens, mulheres e crianças, assim como as desventuras do “alto” e do “baixo” clero da Igreja.

Sobre as fontes é importante frisar que o autor, embora tenha se servido de uma grande variedade de materiais (jornais, cartas, circulares, relatórios, folhetos, livros de tomo, por exemplo), não teve à sua disposição séries completas de documentação. O material coletado era fragmentado, em muitos casos com sérios comprometimentos pelo mau acondicionamento, de modo que as análises tiveram de ser conduzidas a partir de uma rigorosa atividade de inquirição e conexão das informações contidas nas fontes.

O resultado desse esforço trouxe um brilho especial ao trabalho, pois ao longo dos capítulos é possível visualizar o dia a dia de um povo que aceitava a presença da Igreja, mas que não abria mão de suas tradições e costumes; um povo que sabia negociar para ter acesso aos serviços religiosos prestados pela Igreja, mas que não abandonava os elementos culturais que eram duramente atacados pelo alto clero ultramontano. A pesquisa revela-nos também padres que, diante de tantos desafios, se achavam impossibilitados de seguir categoricamente os ditames do projeto de romanização da Santa Sé, religiosos que negociavam cotidianamente para garantir a presença de fiéis nas paróquias e igrejas e que, por meio de um intrincado jogo de negociação, buscavam manter acesa a fé católica em face de uma população culturalmente tão heterogênea.

O livro é rico ao descrever os detalhes do “acontecer” e “desacontecer” do processo de implantação da política ultramontana nos sertões do sul de Mato Grosso. A Igreja enfrentava problemas seriíssimos. Dificuldade de comunicação e transporte, escassez de padres, autonomia dos leigos nas questões religiosas, falta de cuidado com a manutenção e com o controle financeiro das igrejas e capelas, assédio sexual sofrido pelos jovens clérigos, padres que não seguiam as normas litúrgicas e disciplinares, bem como a concorrência do protestantismo, do espiritismo, do candomblé, da umbanda e das práticas de feitiçaria, eram apenas alguns dos problemas. Dom José Maurício da Rocha, segundo bispo da diocese de Corumbá, em carta de outubro do ano de 1924, sintetizou muito bem os desafios que se colocavam à Igreja ao se referir à cidade de Corumbá como uma “aber-

ração”, local “sem civilização e progresso”, onde não havia qualquer sinal de revitalização do catolicismo.

A população mato-grossense não internalizava as normas católicas. Os índios, conforme relatou Frei Mariano de Bagnaia, não aceitavam as doutrinas da Igreja, presos que estavam às “superstições” e às orientações de seus líderes religiosos; já os fazendeiros, conforme relato dos Franciscanos, mostravam-se indiferentes à religião e a maneira como eram educados seus filhos – estilo campeiro, com valorização das atividades físicas, das aventuras sexuais, da masculinidade e da virilidade – os afastava da vida clerical. Quanto aos paraguaios e bolivianos, embora descritos como afeitos às práticas católicas, preservavam muitos elementos da religiosidade popular que em muito desagradava a Igreja. Os paraguaios também foram criticados por Dom Orlando Chaves, devido à vida conjugal desorganizada que lhes era comum, um modelo familiar que incluía a troca constante de parceiros sexuais e que resultava em numerosos filhos com progenitores diferentes.

Há muitos outros relatos no livro que revelam as dificuldades enfrentadas pela Igreja Católica em uma terra “que só Deus conhecia”. São tantos exemplos recolhidos cuidadosamente pelo autor, a partir de uma rica base documental, que seria impossível listá-los nos limites desta resenha. Fica o convite aos leitores que queiram conhecer a história da Igreja nos sertões do sul do antigo estado de Mato Grosso e também a vida cotidiana de homens, mulheres e crianças, pessoas comuns que, no livro de Jérri Roberto Marin, revelam-se verdadeiros protagonistas da história.

Recebido em agosto de 2013.

Aprovado em setembro de 2013.